

Erico Verissimo: humanismo, ideologia política e representação cultural na União Pan-Americana (1953–1956)

Erico Verissimo: humanism, political ideology and cultural representation at the Pan-American Union (1953–1956)

Ana Fauri¹

Resumo: Entre 1953 e 1956, Erico Verissimo atuou como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, vinculada à Organização dos Estados Americanos (OEA). Essa experiência o colocou no centro de um complexo jogo diplomático entre os Estados Unidos e a América Latina, em pleno contexto da Guerra Fria. Este artigo propõe uma leitura crítica dos discursos proferidos por Verissimo nesse período, à luz do conceito de ideologia desenvolvido em *A expressão da ideologia* (Fauri, 2007), demonstrando como o escritor mobilizou um idealismo humanista em tensão com a pragmática da diplomacia pan-americana. A análise evidencia que, ao transpor sua ética literária para o campo político, Verissimo converteu a palavra diplomática em instrumento de resistência simbólica, capaz de conciliar a retórica institucional com uma visão emancipadora da cultura e da liberdade.

Palavras-chave: Erico Verissimo. União Pan-Americana. Ideologia. Diplomacia cultural. Humanismo.

Abstract: Between 1953 and 1956, Erico Verissimo served as Director of the Department of Cultural Affairs of the Pan-American Union, under the Organization of American States (OAS). This experience placed him at the intersection of a complex diplomatic game between the United States and Latin America during the Cold War. This article offers a critical reading of Verissimo's speeches from that period, informed by the concept of ideology developed in *A Expressão da Ideologia* (Fauri, 2007), to show how the writer articulated a humanistic idealism in tension with Pan-American diplomacy. The analysis argues that by transferring his literary ethics into the political sphere, Verissimo transformed diplomatic discourse into a form of symbolic resistance, mediating between institutional rhetoric and an emancipatory vision of culture and freedom.

Keywords: Erico Verissimo. Pan-American Union. Ideology. Cultural diplomacy. Humanism.

¹ University of Notre Dame.

Não acredito em fronteiras quando se trata de cultura.
Erico Verissimo, discurso na União Pan-Americana, 1954.

Considerações iniciais

A passagem de Erico Verissimo pela União Pan-Americana (UPA), entre 1953 e 1956, constitui um dos episódios mais significativos da história intelectual brasileira do pós-guerra. Reconhecido internacionalmente como romancista e intérprete do Brasil moderno, Verissimo foi convidado a dirigir o Departamento de Assuntos Culturais do órgão que, poucos anos mais tarde, daria origem à Organização dos Estados Americanos (OEA). Essa função, mais que administrativa, implicava representar um ideal de integração hemisférica e, ao mesmo tempo, enfrentar as contradições políticas do pan-americanismo em plena Guerra Fria.

Nos discursos proferidos em conferências oficiais e universidades norte-americanas, reunidos em *Erico Verissimo na União Pan-Americana: discursos 1953–1956*, o escritor articula uma visão de mundo atravessada por duas forças em tensão: de um lado, o ideal humanista e literário, herdeiro da fé liberal na cultura e no diálogo; de outro, o realismo político exigido pela prática diplomática. Sua experiência demonstra como um intelectual latino-americano pôde mover-se dentro das estruturas do poder sem se deixar inteiramente absorver por elas.

Como observa Maria da Glória Bordini, em seus pronunciamentos Verissimo “não só representou a territorialidade das Américas, com seu passado de conflitos, identidades e acordos promovidos pela OEA, mas também se autorrepresentou como falante e conferencista”, transformando a função diplomática em um espaço de interlocução cultural e superando a desconfiança inicial sobre sua capacidade administrativa (Bordini, 2020, p. 24). Essa leitura é fundamental para compreender o modo como Verissimo converteu a palavra pública em instrumento de mediação simbólica entre dois campos em confronto: o do intelectual humanista e o da diplomacia política.

A partir dessa perspectiva, este ensaio propõe que os discursos de Verissimo configuram um ato ideológico duplo: por um lado, reproduzem as expectativas institucionais da UPA/OEA; por outro, as desestabilizam de dentro, abrindo fendas no discurso oficial. Nesse gesto ambíguo, Verissimo formula uma ética da palavra como forma de emancipação e uma concepção de cultura que ultrapassa as fronteiras políticas, um projeto de fraternidade entre as Américas que reconhece, porém, as assimetrias de poder que o sustentam.

A leitura crítica desses discursos apoia-se aqui no conceito de ideologia como mediação simbólica entre linguagem e poder, entendendo-a não como simples distorção da realidade, mas como modo de produção de sentido inscrito em relações históricas e sociais. Inspirada em autores como Terry Eagleton (1997), Paul Ricoeur (2000), Mikhail Bakhtin (1997) e Antonio Gramsci (1977), esta abordagem parte da ideia de que a linguagem é o espaço onde as contradições sociais se materializam e onde se pode agir criticamente sobre elas.

Segundo Eagleton (1997), a reflexão sobre a ideologia “desloca o problema do poder para o terreno do discurso”, evidenciando que ele se manifesta não apenas em instituições, mas nas próprias formas de enunciação. Na mesma direção, *A expressão da ideologia* (Fauri, 2007) entende que a ideologia “se configura na relação entre discursos e interesses sociais, contribuindo para a constituição desses interesses e legislando a existência de tais posições por sua própria onipotência discursiva” (p. 45). Assim, o discurso torna-se o lugar em que as estruturas de poder são simultaneamente reproduzidas e questionadas.

Esse enquadramento teórico é particularmente fértil para a leitura de Verissimo. Ao assumir o papel de diplomata, ele ingressa em uma instituição moldada pela retórica da cooperação hemisférica, um discurso que, embora baseado na ideia de unidade cultural das Américas, servia também para legitimar a hegemonia dos Estados Unidos sobre o continente. Verissimo, contudo, transforma esse mesmo espaço discursivo em campo de resistência simbólica, rearticulando o vocabulário da diplomacia em termos humanistas e colocando a cultura no centro de uma política ética das relações interamericanas.

O ideal humanista e o pan-americanismo

Ao assumir a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, em 1953, Erico Verissimo ingressou em uma estrutura diplomática que condensava duas dimensões aparentemente complementares – a missão cultural e a função política – mas que, na prática, revelava contradições profundas. A Organização dos Estados Americanos, fundada em 1948 como herdeira do pan-americanismo do século XIX, pretendia consolidar um ideal de fraternidade continental. Contudo, sob a égide da Guerra Fria, tal retórica de solidariedade servia, com frequência, para legitimar a hegemonia norte-americana sobre o continente. É nesse contexto ambíguo que Verissimo transforma o espaço institucional em arena de reflexão ética e literária: aceita o léxico da “cooperação hemisférica”, mas o resignifica como projeto moral e humanista.

Nos discursos proferidos em Washington, Nova York, Lima e Panamá, reunidos por Bordini e Fauri (2020), sobressai uma constelação temática que articula cultura, educação e justiça social. Em *Freedom in Latin America* (1955), Verissimo afirma que “liberdade e democracia andam juntas e devem ser defendidas, não para que as nações latino-americanas se tornem capitalistas, mas para que haja mais justiça social”. Essa formulação é emblemática do seu deslocamento discursivo: a política cede lugar à ética, e a democracia deixa de ser valor geopolítico para tornar-se princípio moral. Como observa Bordini, o escritor “tentou pacificar as interações entre Estados Unidos e países da Centro e Sul-América, através da defesa da cultura” e da valorização da educação como fundamento da liberdade.

O humanismo de Verissimo, nesse sentido, não é abstrato ou conciliatório: é um humanismo crítico, moldado pela consciência das desigualdades estruturais e pela recusa em reduzir o diálogo cultural à diplomacia simbólica. Em *Pan-Americanism: It Works* (1954), o escritor declara que “as fronteiras que nos separam são menos reais do que as pontes que a cultura pode construir”, metáfora que sintetiza sua concepção de diplomacia como prática de tradução e escuta. A “ponte” substitui o “muro ideológico” e torna-se o signo central de sua ação discursiva: um símbolo de trânsito entre línguas, culturas e sensibilidades, capaz de reverter hierarquias sem romper o convívio.

Essa visão dialoga diretamente com o conceito de ideologia como mediação, tal como formulado em *A expressão da ideologia*, onde a ideologia é definida como “relação entre discursos e interesses sociais, contribuindo para a constituição desses interesses e legislando a existência de tais posições por sua própria onipotência discursiva” (Fauri, 2007, p. 45). Verissimo não se opõe frontalmente à instituição, mas opera por dentro de seu discurso, reinscrevendo o vocabulário oficial em outra chave semântica. Assim, o pan-americanismo, originalmente instrumento de propaganda hemisférica, converte-se em utopia de convivência fundada na empatia e na cultura.

Na conferência *South America and the American South* (1955), proferida na Universidade de Vanderbilt, Verissimo estabelece um paralelo entre o Sul dos Estados Unidos e a América do Sul, apontando suas semelhanças históricas – o legado da escravidão, o analfabetismo, a desigualdade racial – e transformando a comparação em gesto político de aproximação. Ao declarar que “a verdadeira compreensão nasce da experiência compartilhada da dor e da esperança”, ele define a empatia como fundamento da diplomacia. Trata-se de uma inversão radical do paradigma geopolítico da época: a alteridade, antes vista como ameaça ou atraso, converte-se em fonte de conhecimento moral.

Essa dimensão ética aproxima Verissimo do que Paul Ricoeur denomina “fenomenologia hermenêutica da ideologia”: a ideia de que toda linguagem carrega uma visão de mundo, e que compreender o outro implica reconhecer a própria parcialidade (Ricoeur, 1977, p. 65). A diplomacia, nesse sentido, deixa de ser simples exercício de representação e se torna ato interpretativo. Verissimo age como mediador cultural no sentido ricoeuriano, não o que traduz literalmente, mas o que reconfigura o sentido entre universos discursivos. Sua palavra pública é, portanto, ao mesmo tempo representação política e reflexão ética.

A amplitude desse projeto pode ser lida, ainda, em chave gramsciana: o escritor como intelectual orgânico, capaz de atuar no interior das instituições sem renunciar à crítica. Os discursos da UPA, longe de panfletários, funcionam como pedagogia cívica, reiterando que “a cultura é o idioma da liberdade”. A pedagogia implícita nas falas de Verissimo antecipa, de certo modo, o papel que Edward Said (1994) atribui ao intelectual moderno, aquele que fala a verdade ao poder, mas o faz dentro do espaço do poder.

Em suma, o ideal humanista de Erico Verissimo, longe de ser mera expressão de cordialidade diplomática, constitui uma prática de resistência discursiva. Ele se vale do aparato retórico da UPA para instaurar um novo léxico político, no qual a palavra “fraternidade” deixa de significar aliança estratégica e passa a designar reciprocidade ética. O pan-americanismo, reinterpretado por Verissimo, torna-se um exercício de tradução entre mundos desiguais: um esforço de humanização em meio à Guerra Fria, que converte a cultura em espaço de emancipação simbólica.

Tensões ideológicas e contradições do pan-americanismo

O discurso de Erico Verissimo é atravessado por uma tensão constante entre idealismo e o *real politik*, entre o humanismo que norteia sua visão ética e as exigências políticas impostas por seu cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana (UPA). No interior dessa instituição, que encarnava o projeto hegemônico de integração hemisférica sob a liderança dos Estados Unidos, Verissimo foi simultaneamente representante do Brasil e funcionário de um organismo cuja neutralidade era questionável. Sua posição, portanto, era duplamente ambígua: cabia-lhe falar em nome da unidade continental sem ignorar as desigualdades históricas que essa unidade, muitas vezes, apenas disfarçava.

Essa ambiguidade ganha contornos concretos na X Conferência Interamericana de Ministros das Relações Exteriores, realizada em Caracas em 1954. Enquanto cumpria

formalmente o papel de relatar as atividades da OEA em seus “sessenta e cinco anos de existência”, Verissimo também rompeu a etiqueta diplomática ao aplaudir o discurso do chanceler guatemalteco Guillermo Toriello, que denunciava a ingerência dos Estados Unidos na derrubada de Jacobo Árbenz, pronunciamento feito sob o olhar severo do secretário de Estado John Foster Dulles. O gesto, aparentemente trivial, teve força simbólica: representou a defesa pública da soberania latino-americana feita por um intelectual que trabalhava no coração do sistema pan-americano.

Mais tarde, em *Solo de clarineta*, Verissimo recordaria o episódio de Caracas e o interpretaria como uma lição sobre os limites e as possibilidades da palavra dentro das instituições: “Aprendi que é possível servir sem ajoelhar-se. Naquele tempo, minhas palavras eram as únicas armas que eu tinha.” Essa observação autobiográfica sintetiza a dialética de sua atuação: uma prática de lealdade crítica, em que o serviço à instituição não implicava submissão ao seu discurso dominante.

A diplomacia pan-americana, fundada no princípio retórico da “solidariedade hemisférica”, funcionava como instrumento ideológico de legitimação das assimetrias econômicas e políticas entre o Norte e o Sul. Verissimo, contudo, desloca esse princípio ao reinseri-lo em um horizonte ético: em *Pan-Americanism: It Works* (1955), afirma que “não basta falarmos de fraternidade; é preciso que ela se traduza em gestos concretos. As palavras mais belas perdem o sentido quando ditas sobre o estômago vazio de um homem.” A frase, aparentemente moralista, é também um diagnóstico político: a solidariedade sem justiça social não passa de retórica ornamental. Nesse ponto, sua crítica à “hipocrisia das belas palavras” ecoa a tradição dos intelectuais humanistas latino-americanos que, desde José Martí, concebiam a cultura como arma de libertação simbólica.

Essa atitude de adesão crítica, estar dentro e contra o sistema, pode ser lida à luz da teoria bakhtiniana da *dupla voz ideológica*, segundo a qual todo discurso é atravessado por forças centrípetas (que buscam unificar) e centrífugas (que introduzem dissenso). Como observa Bakhtin, “o enunciado é sempre um campo de luta de vozes” (Bakhtin, 1997, p. 121). Verissimo incorpora essa lógica em sua retórica diplomática: fala como representante da OEA, mas sua fala carrega o eco do escritor liberal e do cidadão latino-americano que recusa a neutralidade cúmplice.

Em *A expressão da ideologia*, esse princípio é retomado sob a forma de um conceito operatório: todo discurso é um “campo de forças”, atravessado por interesses contraditórios, que tanto reproduz quanto subverte a hegemonia (Fauri, 2007, p. 63). A palavra, portanto,

nunca é inocente; ela participa da luta social ao mesmo tempo em que a reflete. O discurso pan-americano de Verissimo constitui, nesse sentido, uma prática de resistência simbólica: usa a linguagem institucional para expor os limites morais da própria instituição.

Essa tensão se manifesta novamente no X Congresso Pan-Americano da Criança, realizado no Panamá em 1955, onde Verissimo inaugura a sessão plenária com uma conferência em espanhol sobre “educar para a liberdade”. Diante de representantes de regimes autoritários, muitos deles aliados estratégicos dos Estados Unidos, ele declara que “as ditaduras são inimigas da infância e da cultura”, e apela à paz mundial “para que as futuras gerações não sejam sacrificadas em novas guerras”. O silêncio protocolar que se seguiu à sua fala é revelador: no espaço da retórica oficial, sua mensagem operava como dissonância ética, convertendo a tribuna diplomática em tribuna moral.

Esses episódios demonstram que a contradição entre idealismo e pragmatismo, longe de paralisar Verissimo, constitui o núcleo produtivo de sua ação intelectual. Sua prática discursiva confirma a tese de que a ideologia não é apenas distorção, mas também possibilidade de crítica, conforme sugere Eagleton (1997): “a duplicidade é inerente à ideologia, mas é precisamente essa duplicidade que torna possível o pensamento crítico” (p. 38). Assim, o escritor gaúcho encarna a tensão entre o ideal e o possível, o sonho e o limite, o humanismo e a diplomacia.

A sua postura também parece revelar uma concepção ética da função do intelectual que antecipa o papel descrito por Edward Said (1994): o de quem “fala a verdade ao poder”, não como opositor externo, mas como voz consciente dentro do sistema. Verissimo compreendeu que a palavra pública, mesmo condicionada pelas regras da diplomacia, podia ser instrumento de desestabilização simbólica, uma forma de dizer o indizível em meio ao silêncio das instituições. Seu pan-americanismo, assim, é menos uma ideologia de integração do que uma pedagogia moral da diferença: a tentativa de reconciliar o ideal universalista da cultura com a consciência histórica das desigualdades que a sustentam.

A tradução cultural e o espaço da mediação

Entender a atuação de Erico Verissimo na União Pan-Americana (1953–1956) como um exercício de tradução cultural exige deslocá-la do plano meramente linguístico para o campo ético-político da mediação. No sentido que Homi K. Bhabha (1998) atribui ao “entre-lugar”, a tradução não é um apagamento das diferenças, mas a produção de um

espaço intersticial em que sentidos em conflito são negociados sem serem dissolvidos. Nesse interstício, o tradutor torna-se, ao mesmo tempo, intérprete e autor das condições de possibilidade do diálogo.

Em Verissimo, a tradução cultural assume feição bifronte. Como romancista, ele já exercitava, na forma literária, a orquestração de vozes heterogêneas; como diplomata, converte esse ofício em prática pública. O deslocamento de um repertório ao outro não elimina a tensão: ao contrário, radicaliza-a. Nos auditórios de Washington, Nova York, Lima e Panamá, o escritor fala para duas plateias: as elites políticas e acadêmicas dos Estados Unidos e os representantes dos países latino-americanos e, ao fazê-lo, precisa simultaneamente domesticar e estrangeirizar seus enunciados (no sentido de Lawrence Venuti), evitando tanto o exotismo quanto a assimilação acrítica. Quando apresenta Machado de Assis a públicos universitários norte-americanos e afirma que “*Machado belongs to world literature not because he imitates Europe, but because he interprets man*”, ele recusa o enquadramento periférico do cânone brasileiro e reinscreve a literatura nacional na universalidade do humano (Verissimo, *Freedom in Latin America*, 1955). A tradução que realiza é de valores, não apenas de palavras.

Esse gesto não se restringe ao domínio literário. No plano histórico-social, Verissimo reconfigura mapas simbólicos para desfazer hierarquias tácitas. Em *South America and the American South*, proferido em Vanderbilt, aproxima o Sul dos Estados Unidos da América do Sul para expor memórias partilhadas – escravidão, desigualdade, analfabetismo – e propor uma ponte de inteligibilidade mútua. Ao “mediar os extremos”, indica que o entendimento interamericano passa por reconhecer cicatrizes comuns e não por celebrar diferenças como folclore ou reafirmar superioridades civilizatórias². Aqui a tradução cultural é historiográfica: ela reinventa genealogias para redistribuir o visível e o inteligível entre as Américas.

A mesma lógica de mediação opera quando, em *Pan-Americanism: It Works* (1955), Verissimo historiciza o pan-americanismo desde Bolívar e, contra a pressão da Guerra Fria, desloca o foco do anticomunismo para políticas de alfabetização, saúde e combate à miséria, que identifica como “as verdadeiras causas” das revoluções, isto é, causas sociais e não meramente ideológicas. Trata-se, mais uma vez, de traduzir o léxico dominante (segurança, progresso, ordem) para uma gramática ético-social (dignidade, educação, justiça). Note-se que esse deslocamento discursivo não é gratuito: na própria rotina da UPA, Verissimo participa da

² Cf. a leitura crítica do paralelo entre “o Sul americano” e “a América do Sul”, que propõe um “meio” apto a formar ponte de entendimento.

redação de documentos como a “Campanha contra o analfabetismo” – aprovada “sem emendas” –, o que reforça a dimensão performativa de sua tradução cultural: reconfigurar palavras para reorientar práticas.

Esse gesto permite ver a “tradução” de Verissimo não como conciliação, mas como um uso tático da linguagem institucional. Quando, em Lima, ele abre uma fala anunciando a intenção de ser “absolutamente franco”, reconhece a presença dos “formidáveis deuses econômicos” e ironiza o “budget” como “combustível” do “carro secretarial”, assumindo publicamente a ambivalência entre sonho e chão, arte e administração. Nesse momento, o tradutor cultural expõe as condições materiais do enunciado diplomático: o orçamento, a burocracia, os limites operacionais e, ao trazê-las à cena, impede que o discurso oficial se apresente como neutro ou transcendente (Lima, Reunião do Conselho Cultural Interamericano). Em termos bakhtinianos, a sua fala é duplamente acentuada: cumpre o protocolo e, simultaneamente, o comenta.

Esse modo de traduzir – por dentro do aparelho – confere densidade ética ao seu pan-americanismo. Em vez de obliterar o conflito, Verissimo o expõe e o re-semanticiza. Ao dizer, por exemplo, que “as palavras mais belas perdem o sentido quando ditas sobre o estômago vazio de um homem”, desarma a retórica ornamental e a reconduz ao crivo da justiça social; ao insistir que a “primeira revolução necessária é a do livro”, reinterpreta “liberdade” como capacidade letrada e não como simples alinhamento geopolítico³. Em ambos os casos, a tradução cultural opera como crítica imanente: a palavra da instituição é devolvida à instituição carregada de outro sentido.

Sob essa ótica, a mediação de Verissimo aproxima-se do que Paul Ricoeur chamaria de hermenêutica da ideologia: compreender o outro supõe reconhecer a própria parcialidade e traduzir não apenas signos, mas mundos. A tradução, portanto, é um trabalho de reconfiguração de horizontes, e não de suplementação decorativa. Não por acaso, a sua leitura sobre ideologia destaca a maleabilidade do discurso e sua vinculação aos efeitos do poder, insistindo que a ideologia é “mais uma questão de efeitos discursivos que da significação como tal”, isto é, um modo de impactar enunciações e regular visibilidades.

Há, por fim, uma dimensão pedagógica da tradução verissimiana. Ao investir em pontes – imagem recorrente – e ao reconstituir genealogias comuns entre “Sul” e “Sul”, Verissimo não apenas explica o Brasil ao mundo e o mundo ao Brasil: ele ensina a escutar.

³ Cf. síntese programática em 1955 que prioriza alfabetização e miséria como causas estruturais.

No X Congresso Pan-Americano da Criança (Panamá, 1955), seu apelo “contra as ditaduras em geral” e pela preservação das “futuras gerações” frente à ameaça de uma nova guerra mundial reitera que a mediação cultural não é neutra: ela é uma tomada de posição a favor da vida, da paz e da justiça – uma tradução ética da política, feita no idioma da cultura.

Trata-se de um método de intervenção: traduzir para transformar. Ao agir nesse entre-lugar, Verissimo prova que a diplomacia cultural pode ser uma forma de emancipação simbólica, em que a palavra não apenas representa, mas reabre o horizonte do possível.

O humanismo crítico e o legado político de Verissimo

A reflexão política de Erico Verissimo durante sua passagem pela União Pan-Americana atinge um ponto de inflexão em sua trajetória intelectual. O humanismo que até então caracterizava sua obra literária, de tom liberal, moral e individualista, é reelaborado em termos históricos e estruturais, em resposta às contradições do pós-guerra e ao contexto da Guerra Fria. Não se trata mais apenas de afirmar a dignidade humana como princípio abstrato, mas de reconhecer que o sofrimento é produzido por sistemas sociais e, portanto, transformável pela ação coletiva. O humanismo de Verissimo converte-se, assim, em humanismo crítico, unindo ética e práxis.

Em seus discursos reunidos no volume *Erico Verissimo na União Pan-Americana: Discursos 1953–1956* (2020), essa maturação se manifesta na insistência em que “a cultura que não se partilha é apenas um privilégio”, uma formulação que subverte o discurso hierárquico da “cooperação hemisférica” e o reconduz a um imperativo de justiça distributiva. O escritor reconhece que, sem igualdade material e acesso ao saber, o ideal de fraternidade entre as Américas é mera retórica. A lucidez desse diagnóstico deriva de uma compreensão ideológica do discurso, conforme delineada em *A expressão da ideologia*: a linguagem não apenas reflete, mas produz relações de poder e pode, portanto, ser usada para desestabilizá-las (Fauri, 2007, p. 45-46).

A diplomacia cultural de Verissimo pode ser percebida como um espaço de intervenção simbólica. O gesto de “falar francamente”, repetido em suas conferências, transforma o protocolo em tribuna crítica. No *Meeting of Cultural Council* em Lima (1956), ele ironiza o “orçamento” como o “combustível dos deuses econômicos”, desvelando o caráter material e político da cultura, uma percepção rara em ambientes diplomáticos onde prevalecia o

eufemismo. A ironia é sua forma de resistência: ela expõe as fissuras do discurso oficial e reinsere nele uma voz moral que questiona o poder sob o manto da cortesia.

Esse humanismo crítico é tributário tanto de sua formação literária quanto de sua leitura das crises do liberalismo europeu. A experiência latino-americana o leva, contudo, a ultrapassar o idealismo abstrato: Verissimo compreende que liberdade e justiça são interdependentes, e que nenhuma liberdade pode subsistir em meio à miséria e à ignorância. Essa ideia ecoa o diagnóstico de Eagleton, segundo o qual a ideologia é “uma forma de consciência social que oscila entre crítica e legitimação” (1997, p. 38). Por esta perspectiva, pode-se dizer que Verissimo inscreve-se numa linhagem de intelectuais que fazem da linguagem um instrumento de emancipação, não pela via da ruptura, mas pela subversão interna. O seu humanismo recusa o dogmatismo de esquerda e o de direita: defende o valor universal da liberdade, mas insiste que essa liberdade deve ser encarnada em políticas públicas, não em discursos de superioridade moral. Em *A expressão da ideologia* (2007), essa postura é lida como tensão produtiva entre a utopia e o conflito, a crença de que, embora as palavras não mudem o mundo de imediato, podem reconfigurar o horizonte de possibilidades que o sustenta. É esse horizonte que Verissimo busca expandir por meio da cultura.

A síntese ficcional desse projeto surge em *O Senhor Embaixador* (1965), romance que dramatiza, de modo alegórico, o desencanto com o aparelho diplomático. O embaixador Campos, personagem que “serviu tanto à pátria que já não sabe onde ela começa e onde termina”, reflete o dilema do próprio Verissimo: entre a lealdade institucional e a fidelidade à consciência crítica. O humor do romance não é leveza, mas estratégia de desmascaramento: o riso revela o abismo entre discurso e realidade, entre a civilidade dos salões e a violência das estruturas que sustentam a ordem internacional.

Esse processo pode ser compreendido à luz de Karl Mannheim, para quem a ideologia, quando reconhecida como tal, torna-se autoconsciência social. O sujeito que identifica as determinações de seu discurso abre caminho para a crítica. Verissimo opera precisamente nesse registro: a clareza e o tom didático de sua prosa diplomática, qualidades que alguns confundem com ingenuidade, são, na verdade, métodos de transparência. Ele simplifica para tornar visíveis as relações de poder, transformando o estilo em gesto político.

Em uma carta a Ivan Pedro Martins, Verissimo afirmara: “Não me julgo portador de uma receita para salvar a humanidade. Tenho princípios e desejos, desde o primeiro romance vivo a enumerá-los.” Esse humanismo sem pretensão messiânica é o que sustenta sua

coerência. Já como diplomata, reiterava o mesmo princípio ético que guiava sua ficção: a dignidade humana como medida da verdade.

O legado político de Verissimo ultrapassa o episódio da OEA. Sua trajetória demonstra que o intelectual latino-americano pode atuar nas estruturas do poder sem abdicar da autonomia moral, usando a própria linguagem do sistema para introduzir nela um princípio de reflexão. Na dialética entre idealismo e pragmatismo, Verissimo não escolheu um lado: transformou o conflito em método. Sua lição final, “é possível servir sem ajoelhar-se”, resume o sentido do seu humanismo crítico: a convicção de que a palavra, mesmo vigiada, pode conservar poder de transformação.

Os seus discursos na União Pan-Americana constituem um raro exemplo de intervenção política mediada pela cultura. Entre 1953 e 1956, o escritor transformou a retórica diplomática em espaço de reflexão ética, desafiando as hierarquias do pan-americanismo oficial e propondo uma fraternidade fundada na justiça social e no reconhecimento mútuo. Ao tensionar o ideal humanista e o pragmatismo político, Verissimo expôs os limites da integração continental e revelou o potencial emancipador da linguagem. A sua obra demonstra que a ideologia não é apenas instrumento de dominação, mas também campo de resistência: lugar onde se forjam novos sentidos de liberdade.

No cruzamento entre literatura e diplomacia, ele realiza o que poderíamos chamar de utopia discursiva: a crença de que o diálogo pode substituir a dominação e que a palavra, mesmo institucionalizada, ainda pode agir como força ética. Mais de meio século depois, a atualidade de seus discursos reside justamente nessa tensão não resolvida. O humanismo crítico de Verissimo permanece como convite à escuta, à responsabilidade e à esperança de que, nas Américas, a cultura continue sendo ponte e não fronteira.

A ideologia pan-americana e os seus paradoxos

A retórica pan-americana, consolidada desde o século XIX em torno da noção de “solidariedade hemisférica”, sempre oscilou entre idealismo e hegemonia. Sob o signo da fraternidade continental, os Estados Unidos construíram uma política de influência cultural e econômica que mascarava, sob o discurso da cooperação, a manutenção de relações assimétricas de poder. Após a Segunda Guerra Mundial, o vocabulário do “espírito interamericano” foi reconfigurado pela lógica bipolar da Guerra Fria: a união das Américas

tornava-se uma arma ideológica contra o comunismo, transformando a diplomacia em campo de disputa simbólica.

Com a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1948, a antiga União Pan-Americana ganhou nova função: legitimar, sob o manto da solidariedade, a intervenção política e econômica do Norte sobre o Sul. A cultura foi incorporada a essa engrenagem como forma de *soft power*, por meio de congressos, exposições e intercâmbios que projetavam uma imagem idealizada de unidade continental sob liderança norte-americana. O Departamento de Assuntos Culturais, dirigido por Erico Verissimo entre 1953 e 1956, estava no centro desse mecanismo, e é justamente ali, no interior do aparelho hegemônico, que o escritor empreende sua crítica mais fina.

Ao chegar a Washington, Verissimo encontra uma instituição onde a linguagem da fraternidade servia de instrumento de consenso. Em um de seus relatórios à Secretaria-Geral da UPA, observa com ironia: “Os países latino-americanos são convidados a sentar-se à mesa da fraternidade, mas raramente lhes é permitido escolher o cardápio.” A metáfora culinária, espirituosa e incisiva, traduz uma percepção aguda da desigualdade estrutural do sistema pan-americano: a inclusão simbólica que esconde a exclusão real. Essa ironia performa, de modo sutil, o que Bakhtin (1997) chamaria de *dupla voz ideológica*: o enunciado que repete o discurso dominante apenas para o desestabilizar por dentro.

A consciência dessa contradição leva Verissimo a adotar o que poderíamos chamar, em termos gramscianos, de estratégia contra-hegemônica dentro da hegemonia. Ele não confronta abertamente o poder norte-americano, o que seria inviável em seu cargo —, mas rearticula o vocabulário institucional. Liberdade, fraternidade, cooperação e educação, palavras centrais na retórica da OEA, ganham em sua boca um novo valor semântico. Quando diz, em *Freedom in Latin America* (1955), que “a liberdade não é um privilégio, mas um direito que começa com a alfabetização”, desloca o conceito de “liberdade” do eixo geopolítico, onde servia à luta anticomunista, para o eixo social, onde passa a significar emancipação pela cultura. A alfabetização torna-se, assim, metáfora de autonomia moral e política: o gesto mais simples e, ao mesmo tempo, mais subversivo que um diplomata poderia realizar num ambiente dominado por tecnocratas e ideólogos.

Esse deslocamento discursivo ilustra, na prática, o que *A expressão da ideologia* denomina “ação transformadora do discurso”, o momento em que a palavra, sem deixar de pertencer ao sistema, introduz uma variação que altera seu regime de sentido (Fauri, 2007, p. 68). O pan-americanismo, nesse contexto, deixa de ser apenas instrumento de

hegemonia e passa a ser campo de negociação simbólica. Verissimo não renega o ideal de integração continental, mas o redefine a partir da solidariedade concreta, da educação e do reconhecimento recíproco entre as Américas.

A crítica implícita de Verissimo também antecipa uma leitura pós-colonial *avant la lettre*. No sentido que Homi K. Bhabha (1998) atribui ao “entre-lugar”, o discurso do escritor brasileiro opera no espaço de tradução cultural entre centro e periferia: ele fala a língua do poder, o inglês diplomático da OEA, mas carrega dentro dela as vozes dos países subalternos. O resultado é uma hibridização discursiva que impede a total assimilação e mantém viva a diferença. Sua diplomacia é performativa, não representativa: atua por deslocamento, não por oposição.

Há também, em Verissimo, uma dimensão ética e hermenêutica que se aproxima da reflexão de Paul Ricoeur sobre ideologia e utopia. Para Ricoeur, toda ideologia contém simultaneamente uma função de integração (que mantém a coesão do corpo social) e uma função de dissimulação (que encobre o conflito). Verissimo age no ponto de tensão entre ambas: preserva a linguagem integradora da fraternidade, mas reinsere nela o conflito, tornando-o visível. Em vez de reproduzir a retórica da harmonia, ele propõe a escuta da diferença como fundamento da unidade.

A contradição entre discurso e realidade, entre a “mesa da fraternidade” e o “cardápio imposto”, torna-se, assim, um símbolo do próprio destino das Américas. Para Verissimo, o continente só poderia realizar o ideal de integração se reconhecesse as desigualdades que o constituem. A cultura, nesse sentido, não é ornamento, mas ferramenta de conscientização política. Sua insistência na educação como revolução silenciosa antecipa o pensamento de Paulo Freire: aprender a ler é também aprender a ler o mundo.

Mais do que um projeto diplomático, o humanismo de Verissimo é um projeto de reinterpretação ideológica. Ao reinscrever a fraternidade como responsabilidade social, ele pratica uma forma de “desobediência sem ruptura”, uma resistência ética dentro da ordem institucional. O escritor cumpre, portanto, uma função gramsciana de intelectual orgânico, não porque serve ao Estado, mas porque o traduz criticamente. Sua palavra atua como campo de forças, onde o consenso é permanentemente reescrito à luz do dissenso.

Em suma, a ideologia pan-americana, que nasceu como discurso de unificação sob liderança norte-americana, encontra em Verissimo sua contranarrativa. Ao reconhecer seus paradoxos e transformá-los em matéria de reflexão, o autor desloca o pan-americanismo do terreno da propaganda para o da ética. Em vez de recusar o ideal de fraternidade, ele o

radicaliza, exige que a solidariedade seja não apenas declarada, mas vivida. É nesse gesto, simultaneamente político e simbólico, que reside a força duradoura de seu pensamento: a crença de que a palavra, quando usada com consciência histórica, é capaz de reabrir o horizonte do possível.

A censura, a neutralidade e o silêncio diplomático

Um dos aspectos mais complexos e reveladores da atuação de Erico Verissimo na União Pan-Americana é sua habilidade em driblar a censura institucional sem romper o protocolo. Inserido em uma organização que funcionava, nos anos 1950, como braço cultural da política hemisférica dos Estados Unidos, o escritor precisava equilibrar dois papéis: o de representante oficial, responsável por promover a diplomacia cultural da OEA, e o de intelectual crítico, comprometido com um ideal ético de justiça e liberdade. Esse duplo pertencimento produzia inevitáveis fricções, mas também oferecia oportunidades de subversão simbólica.

Durante a Guerra Fria, a OEA evitava cuidadosamente qualquer pronunciamento que pudesse ser interpretado como “simpático ao socialismo” ou como crítica direta à política norte-americana. A retórica da neutralidade era, portanto, parte integrante do discurso institucional, uma neutralidade aparente, que ocultava alinhamentos ideológicos muito claros. Verissimo, ciente dessas restrições, adota uma retórica de duplo sentido: reafirma os ideais de liberdade e democracia, mas redefine ambos como instrumentos de igualdade social e emancipação humana. Essa inflexão semântica lhe permite escapar da censura sem abdicar da crítica.

No X Congresso Pan-Americano da Criança, realizado no Panamá em 1955, ele declara: “As ditaduras, quaisquer que sejam seus pretextos, são inimigas da infância e da cultura. Não há paz onde não há justiça, e não há justiça onde a liberdade é privilégio de poucos.”

A afirmação é direta, mas não nomeia alvos específicos. O efeito é duplo: cumpre o requisito diplomático da generalidade e, ao mesmo tempo, abre espaço para a interpretação crítica. Essa ambiguidade calculada é um exemplo do que Michel Foucault (1970) descreveria como “jogo estratégico do discurso”: o uso da linguagem como espaço de resistência dentro do próprio campo de poder. Verissimo compreende que, quando o silêncio é imposto, a subversão passa a depender da maneira de dizer, do gesto, da ironia, da inflexão e do não-dito.

Em *A expressão da ideologia*, essa operação é definida como “subversão interna do discurso”: o momento em que “o sujeito se apropria da linguagem institucional para expor suas contradições internas” (Fauri, 2007, p. 94). Verissimo realiza esse gesto com notável maestria: fala em nome da OEA, mas insere no discurso oficial o ponto de vista do escritor ético, que reconhece a dor e a desigualdade como fundamentos de qualquer reflexão sobre liberdade. Sua estratégia discursiva não é a do confronto, mas a do deslocamento semântico, que Bakhtin (1997) chamaria de *reacentuação*: a mesma palavra (“liberdade”) é reinscrita em outro regime de sentido, deixando de designar o anticomunismo e passando a significar direito social.

A retórica do duplo sentido é reforçada por uma consciência aguda do papel performativo da palavra. Ao afirmar que “não há justiça onde a liberdade é privilégio de poucos”, Verissimo enuncia, sob a forma de um aforismo diplomático, uma crítica estrutural à desigualdade. O enunciado não é apenas denúncia, mas ato político em si: ele transforma o discurso em prática, o dizer em fazer. Essa concepção aproxima Verissimo da hermenêutica de Paul Ricoeur (1977), para quem a linguagem é sempre mediação entre o ser e o agir, e a palavra é “a primeira forma de ação humana sobre o mundo”.

Essa tensão entre ética e prudência atravessa toda a sua correspondência do período. Na carta a Anísio Teixeira (Washington, 1955), Verissimo confessa: “Aqui, tudo é medido e pesado. O silêncio é a moeda mais segura. Falar é correr riscos, e, no entanto, é impossível calar-se diante do sofrimento humano.” A frase condensa a dimensão moral de sua experiência: falar era um risco necessário. Para ele, o silêncio não era sinônimo de sabedoria ou neutralidade, mas de cumplicidade. A neutralidade, sob regimes de injustiça, deixa de ser virtude e se torna omissão.

A escolha de “falar sob vigilância” traduz o que Terry Eagleton (1997) chamaria de *contradição constitutiva da ideologia*: o fato de que a crítica ao poder só pode ser formulada a partir de dentro do próprio regime discursivo do poder. O escritor não fala de fora da instituição, mas a partir de seu interior, convertendo o microfone diplomático em tribuna moral. Nessa operação, transforma a diplomacia em teatro ético: mantém o tom da moderação e da cortesia, mas preenche o discurso de significados subversivos, abrindo fendas no consenso oficial.

Esse modo de resistência lembra o conceito gramsciano de “guerra de posições”, a luta ideológica travada não por insurreição aberta, mas pela ocupação gradual dos espaços do discurso. Verissimo, ao reformular o vocabulário pan-americano e reinscrevê-lo em chave humanista, empreende justamente essa guerra silenciosa: desloca o sentido da liberdade,

transforma a fraternidade em justiça social e converte a neutralidade em denúncia. Sua fala é uma forma de ação política, e o silêncio que a cerca, longe de anulá-la, amplifica sua potência simbólica.

Sob essa perspectiva, a censura institucional que limitava suas palavras também potencializava sua criatividade discursiva. Ao ser obrigado a falar em códigos e metáforas, Verissimo desenvolve uma linguagem de transparência oblíqua, em que cada frase carrega um duplo registro: o da obediência formal e o da resistência ética. O que poderia ser visto como autocensura torna-se, paradoxalmente, uma pedagogia da ambiguidade, a arte de dizer sem dizer, de insinuar o dissenso dentro da ordem.

Essa dialética entre silêncio e palavra, prudência e franqueza, explica por que tantos colegas diplomatas o consideravam “incômodo”. Verissimo não era um rebelde, mas tampouco um conformista: era um intelectual liminar, que fazia do limite o seu espaço de criação moral. No interior de uma instituição regida pela prudência e pelo cálculo, ele escolheu o risco da sinceridade, e, ao fazê-lo, transformou a diplomacia cultural em exercício de consciência.

Em última instância, o “silêncio diplomático” que o cercava não foi um obstáculo, mas o contexto produtivo de sua palavra. Sua experiência comprova que o discurso, mesmo vigiado, pode ser campo de resistência e invenção. Verissimo demonstra que, diante da censura, a linguagem ética não precisa se calar, basta aprender a falar de outro modo.

Verissimo entre a literatura e a diplomacia: o humanismo como resistência

A passagem de Erico Verissimo pela União Pan-Americana não se limita a um episódio biográfico de sua trajetória; constitui um momento de inflexão na formação de sua consciência ética e estética. Entre 1953 e 1956, o escritor viveu a experiência de atuar no coração de uma instituição marcada pela retórica da fraternidade e pelas contradições políticas da Guerra Fria. Nesse cenário, descobriu que a diplomacia era também um campo narrativo, uma arena de discursos, silêncios e metáforas, e que o gesto de falar em nome de uma instituição podia transformar-se, se conduzido com lucidez, em ato de resistência simbólica.

Ao regressar ao Brasil, essa vivência se converteu em matéria literária. O escritor que aprendera a medir as palavras em Washington transpôs para a ficção a linguagem contida e ambígua da diplomacia, agora convertida em instrumento de crítica social. Em *O Senhor Embaixador* (1965), Verissimo transforma o universo diplomático em microcosmo das tensões políticas latino-americanas. O país fictício de Sacramento funciona como alegoria de uma

América Latina tutelada por elites que falam em nome da liberdade enquanto perpetuam a desigualdade. O embaixador Campos, personagem central, encarna o dilema ético do próprio autor: entre a lealdade institucional e a fidelidade à verdade. Quando declara que “servir demais à pátria é esquecer que os homens vêm antes dos Estados”, o personagem ecoa o diplomata que, uma década antes, denunciara nas entrelinhas o caráter retórico da “fraternidade hemisférica” da OEA.

Esse diálogo entre experiência diplomática e criação literária estende-se a *Incidente em Antares* (1971), onde o tom se torna mais ácido e o humor mais corrosivo. As personagens mortas que retornam para expor as hipocrisias dos vivos representam a revanche da consciência silenciada, metáfora do próprio trabalho de Verissimo na União Pan-Americana, onde a palavra precisava circular sob vigilância. O morto político que proclama “a verdade é o último luxo dos pobres” sintetiza o princípio ético que atravessa toda a sua obra: o compromisso com a verdade como forma de resistência.

Essas passagens evidenciam que o humanismo de Verissimo não é um ideal abstrato, mas um modo de ação. Ele opera simultaneamente no discurso diplomático, no ensaio e na ficção, articulando a palavra institucional e a palavra literária como duas faces de uma mesma práxis. Sua escrita transforma a retórica da fraternidade em denúncia da desigualdade, e o gesto de narrar em gesto de desobediência ética.

O humanismo que sustenta essa trajetória é, por natureza, dialético e trágico. Verissimo acredita na cultura como força civilizadora, mas reconhece seus limites diante das estruturas de poder. Em um de seus discursos de 1955, observa: “A cultura, por si só, não salva o homem, mas o torna menos cruel. A educação não elimina a injustiça, mas ensina a reconhecê-la.” Trata-se de um humanismo sem ingenuidade, que entende a educação não como remédio, mas como consciência, um humanismo crítico que reconhece o conflito como motor da transformação.

Essa consciência encontra fundamento teórico no que *A expressão da ideologia* denomina o papel do intelectual mediador: aquele que habita o espaço entre dominação e resistência, traduzindo o conflito em linguagem e a linguagem em consciência (Fauri, 2007, p. 112). Verissimo cumpre exatamente essa função. Sua diplomacia é tradução cultural; sua tradução, ato político. Ao adotar a retórica da fraternidade pan-americana, não a repete como forma de submissão, mas a reorienta eticamente, deslocando-a do campo geopolítico para o campo moral.

Essa operação o aproxima de Paul Ricoeur, para quem a ideologia é ambivalente, capaz de integrar e distorcer, dependendo do uso que se faça da linguagem. Verissimo encarna essa ambiguidade produtiva: sua voz é conciliatória na forma, mas insurgente no conteúdo. Ele compreende, como Gramsci, que resistir dentro das instituições requer uma “guerra de posições”, isto é, a ocupação gradual dos espaços simbólicos onde o consenso é produzido. Assim, em vez de rejeitar o pan-americanismo, ele o ressignifica como projeto de escuta e reconhecimento mútuo, fundado na reciprocidade e não na hierarquia. Essa inversão de perspectiva é também, no sentido bakhtiniano, uma *reacentuação*: a apropriação de palavras alheias para novos sentidos. Termos como liberdade, democracia e fraternidade, saturados de uso político, são relidos à luz de um humanismo social. A “fraternidade” de Verissimo começa pelo reconhecimento da desigualdade; a “liberdade” se mede não pela retórica anticomunista, mas pela alfabetização e pela justiça; a “democracia” é menos uma forma de governo do que uma forma de convivência. Ao reacentuar a linguagem institucional, ele transforma o discurso diplomático em laboratório ético da palavra.

O dilema que experiencia Verissimo, de como agir dentro do poder sem trair a consciência, é, em última instância, o dilema do intelectual latino-americano do século XX. Sua resposta passa pela convicção de que a linguagem é o último território da liberdade. Na ausência de autonomia política plena, o escritor encontra na palavra o espaço possível da resistência. Por isso, quando afirma, em 1956, que “os povos da América devem aprender a ouvir uns aos outros”, não fala apenas como diplomata; fala como pedagogo da escuta, propondo uma pedagogia da convivência fundada na empatia e na reciprocidade.

Essa dimensão ética da linguagem constitui o cerne de seu legado intelectual. O Verissimo diplomata e o Verissimo romancista não se opõem, mas se completam: o primeiro tenta transformar a realidade pela palavra institucional; o segundo, pela imaginação literária. Ambos se movem pela mesma crença, a de que a palavra, mesmo vigiada, pode agir sobre o mundo. Seu humanismo é resistência, sua diplomacia é literatura em outro registro, e sua literatura é diplomacia sem bandeira.

Em tempos de crise moral e polarização ideológica, o exemplo de Verissimo permanece atual. Ele nos recorda que a verdadeira liberdade não consiste em falar sem restrições, mas em falar com responsabilidade, fazer da palavra um gesto ético, capaz de reconciliar consciência e ação. A resistência de Verissimo, discreta mas persistente, demonstra que o poder simbólico da linguagem pode ser mais duradouro que qualquer discurso oficial. E que, entre a literatura e a diplomacia, o espaço da palavra continua sendo o da esperança.

A diplomacia cultural e a “política do espírito”

O período em que Erico Verissimo atuou na União Pan-Americana (1953–1956) coincide com um momento decisivo na história das relações interamericanas. O discurso de fraternidade continental, formulado desde a Política da Boa Vizinhança de Franklin D. Roosevelt e Nelson Rockefeller, havia sido reelaborado no pós-guerra sob a égide da Guerra Fria cultural. O governo Eisenhower procurava consolidar a liderança norte-americana nas Américas por meio de intercâmbios artísticos, bolsas de estudo, traduções e campanhas de “cooperação intelectual”.

Essa política, descrita por Greg Barnhisel (2015) como “*the cultural cold war in American letters*”, visava criar um consenso ideológico liberal-capitalista e neutralizar o prestígio internacional da União Soviética. Instituições como a OEA e fundações privadas (Rockefeller, Ford, Carnegie) investiam em programas de divulgação cultural e conferências pan-americanas, nas quais a “cultura” se tornava instrumento diplomático.

Verissimo inseriu-se nesse cenário de forma singular. Como escritor liberal e defensor da democracia, partilhava parcialmente dos ideais humanistas promovidos pelos Estados Unidos. No entanto, sua visão era atravessada pela experiência latino-americana da desigualdade e do autoritarismo. Por isso, seu discurso desloca a “política do espírito”, conceito usado por Paul Claudel e retomado pela diplomacia francesa para designar o uso da cultura como poder, para um registro ético: a cultura como consciência social, e não como propaganda.

No discurso proferido na Universidade de Georgetown, em 1955, Verissimo afirma que “o que os povos da América Latina esperam não é caridade, mas compreensão. A cooperação cultural verdadeira nasce quando o diálogo substitui a tutela.”

Essa declaração, feita diante de autoridades estadunidenses, contém um gesto de resistência diplomática: recusa a posição subalterna do Sul no circuito do saber. O escritor inverte a hierarquia implícita no pan-americanismo ao reivindicar a reciprocidade cultural como condição da amizade entre as nações. A atuação internacional de Verissimo aproxima-se de uma tradição mais ampla de escritores-embaixadores latino-americanos que buscaram redefinir a imagem da região no exterior. Entre eles, destaca-se Jorge Amado, cuja militância socialista o levou a participar de congressos de paz em Praga, Varsóvia e Moscou durante os anos 1950.

Se Amado representava um internacionalismo de esquerda, Verissimo encarnava um liberalismo humanista; ambos, porém, atuavam como tradutores simbólicos do Brasil para o mundo. A diferença reside na estratégia discursiva: Amado privilegiava a narrativa da solidariedade entre povos oprimidos, enquanto Verissimo insistia na comunicação entre diferenças.

Essa distinção pode ser lida à luz do conceito de tradução cultural, formulado por Homi Bhabha (1998). Para Bhabha, o tradutor é um sujeito “entre-lugares”, que reconfigura os significados dominantes ao deslocá-los de um contexto para outro. Verissimo opera exatamente nesse entre-lugar: traduz o vocabulário da diplomacia estadunidense, liberdade, democracia, progresso, para uma gramática ética de responsabilidade social.

No discurso “Freedom in Latin America”, a passagem “Liberdade não é privilégio de quem tem poder, mas direito de quem tem fome”, é paradigmática dessa tradução. Ele apropria-se de uma palavra-chave do liberalismo ocidental e a reinscreve no campo da justiça econômica, invertendo o sentido político sem abandonar o léxico institucional.

O contraste com Jorge Amado é revelador: enquanto o autor de *Os subterrâneos da liberdade* concebe a palavra como arma de luta de classes, Verissimo a entende como ponte de entendimento. Em ambos, contudo, a cultura é forma de resistência; em Amado, resistência à opressão econômica; em Verissimo, resistência à indiferença moral. Essa dualidade ilustra duas faces da ideologia latino-americana da época: o ideal de libertação coletiva e o de emancipação ética.

Apontamentos de análise textual dos discursos pan-americanos

A força simbólica do pensamento de Erico Verissimo manifesta-se de modo particularmente nítido na textualidade de seus discursos pan-americanos, onde a retórica diplomática é transformada em exercício de imaginação ética. Ao contrário de muitos escritores que, ao ingressarem em funções oficiais, adotaram o tecnicismo e a prudência da linguagem burocrática, Verissimo preserva o timbre literário e o transforma em instrumento de crítica social. Suas falas conjugam precisão retórica, lirismo e indignação contida, compondo uma poética da responsabilidade moral.

O estilo de Verissimo é performativo: o discurso não é mero veículo de ideias, mas ato ético em si, espaço de negociação simbólica entre o poder e a consciência. Em termos bakhtinianos, a palavra de Verissimo é essencialmente dialógica, nasce do encontro entre a voz

do escritor e o eco da instituição que o abriga. Cada frase carrega, simultaneamente, a tonalidade oficial do pan-americanismo e a inflexão pessoal do humanista. Essa duplicidade confere aos textos uma ambiguidade produtiva: são discursos de integração, mas também de resistência; pronunciam o consenso, mas deixam entrever o dissenso. A partir dessa ambiguidade, o escritor opera aquilo que se pode definir como a “subversão sem ruptura”, a transformação dos códigos da hegemonia por meio de deslocamentos semânticos internos (Fauri, 2007, p. 101).

A seguir, três excertos exemplares ilustram o alcance dessa operação discursiva.

a) “Pan-Americanism: It Works” (1954).

Os povos da América estão ligados não apenas por linhas de comércio ou tratados, mas por algo mais profundo, o sentimento de que pertencemos a uma mesma aventura humana. Se não aprendermos a compartilhar o pão e o conhecimento, nossa fraternidade será apenas uma palavra bonita.

O termo “aventura humana”, em substituição ao tecnicismo “hemisfério ocidental”, desloca o discurso do domínio político-econômico para o campo ético e antropológico. O pan-americanismo, tradicionalmente associado à geopolítica dos Estados Unidos, é aqui desnacionalizado e reinscrito em um horizonte universalista. A escolha lexical de Verissimo dissolve as fronteiras do hemisfério e reinscreve o ideal de fraternidade em uma comunidade de destino compartilhado, não fundada na hegemonia, mas na vulnerabilidade comum.

A metáfora do “pão e conhecimento” articula solidariedade material e espiritual, fundindo as dimensões econômica e cultural da liberdade. A frase final, “nossa fraternidade será apenas uma palavra bonita”, funciona como anticlímax e ironia: desmonta a retórica da cooperação ao expor sua vacuidade performativa.

No plano ideológico, o efeito é o de despolitizar o discurso para repolitizá-lo de outro modo, uma inversão que Eagleton (1991) chamaria de “estratégia da forma”: o uso da linguagem conciliatória para reinstaurar o conflito social no coração do consenso.

b) “South America and the American South” (Vanderbilt University, 1955)

Quando cheguei a Nashville, vi o velho problema que conhecemos tão bem no meu país: a cor da pele como destino. As Américas do Norte e do Sul partilham não apenas a geografia, mas as cicatrizes da escravidão.

Neste fragmento, Verissimo realiza uma das operações mais ousadas de toda sua produção diplomática: estabelece uma analogia simbólica entre o Sul dos Estados Unidos e a América do Sul, unindo-os pela experiência da exclusão. Ao fazê-lo, desafia a narrativa linear

do progresso norte-americano e reinscreve a história hemisférica no eixo da memória colonial. O uso da expressão “cor da pele como destino” ecoa o determinismo racial denunciado por Frantz Fanon e antecipa a leitura pós-colonial de Homi Bhabha: o reconhecimento de que a modernidade ocidental repousa sobre uma violência originária, cujas marcas persistem no presente.

Ao articular as “cicatrizes da escravidão” como herança compartilhada, Verissimo desmonta o dualismo civilização/barbárie e propõe uma história horizontal das Américas, em que as diferenças culturais são interpretadas como produtos de uma experiência comum de opressão.

Esse gesto, ao mesmo tempo diplomático e insurgente, exemplifica o que Bakhtin define como *dupla voz ideológica*: o enunciado que participa do discurso dominante apenas para desestabilizá-lo de dentro.

Trata-se também de uma forma de solidariedade intersistêmica, para usar o termo de Gramsci: o reconhecimento de que a emancipação de um povo depende da emancipação de todos. O diplomata, ao comparar os dois “sul”, desloca o centro da narrativa pan-americana para as margens, transformando o que era periferia em sujeito de enunciação.

c) “Freedom in Latin America” (1955)

O analfabetismo é o cárcere da liberdade. A primeira revolução necessária nas Américas é a do livro.

Aqui, a palavra “revolução”, cuidadosamente evitada em discursos oficiais da OEA, adquire novo valor ideológico. Verissimo a reconfigura como metáfora da emancipação cultural, não como insurgência política. A liberdade, nesse contexto, deixa de ser conceito jurídico e passa a designar competência simbólica: o poder de ler, escrever e pensar criticamente.

A metáfora do “cárcere” converte o analfabetismo em forma de prisão, não física, mas epistemológica, e confere à alfabetização um estatuto político de libertação. Essa concepção aproxima Verissimo da pedagogia freireana *avant la lettre*, segundo a qual “ler o mundo precede ler a palavra”.

A “revolução do livro” é, assim, uma revolução da consciência, que atinge o cerne da ideologia pan-americana: a hierarquia entre quem produz e quem consome cultura. Pode-se dizer que esse tipo de discurso caracteriza-se por uma subversão sem ruptura: o sujeito não

rompe com o sistema, mas reordena seus signos de modo a expor o que o sistema oculta (Fauri, 2007, p. 103).

A revolução verissimiana é, portanto, sem armas e sem bandeira, mas não sem poder. É a revolução da linguagem contra o silêncio, da leitura contra a censura, da educação contra a propaganda.

Esses três discursos, analisados em conjunto, compõem uma poética do pan-americanismo ético. Neles, Verissimo transforma as palavras-chave da retórica institucional, liberdade, fraternidade, hemisfério, progresso, em palavras-problema, abertas à reflexão. Sua linguagem é ao mesmo tempo transparente e estratégica: não busca convencer, mas reeducar o olhar. Essa duplicidade é o que confere densidade moral à sua obra diplomática. Mas também é o que faz de Verissimo um escritor moderno no sentido pleno: alguém que compreende a palavra não como veículo neutro, mas como campo de disputa simbólica.

Em última instância, a textualidade de seus discursos revela que, mesmo sob vigilância, a linguagem conserva um potencial emancipador. Ao investir o verbo de lirismo e ironia, Verissimo converte a diplomacia em literatura, e a literatura em forma superior de política. A verdadeira resistência não se dá fora do discurso, mas no interior da palavra institucional, quando esta é reocupada pela ética. Verissimo faz exatamente isso: transforma a retórica da fraternidade em denúncia da desigualdade, e o pan-americanismo em utopia da escuta.

Conclusão: o intelectual mediador e a ética da palavra

A análise dos discursos pan-americanos de Erico Verissimo, e de sua ressonância na ficção, permite compreendê-lo como aquilo que Antonio Gramsci denominou intelectual orgânico, não no sentido de um militante partidário, mas de um sujeito que traduz valores universais em linguagem acessível e histórica. Verissimo transforma a diplomacia cultural em espaço de pedagogia cívica, convertendo o protocolo em tribuna e o discurso em ação moral. Sua obra demonstra que o intelectual pode habitar as estruturas do poder sem se tornar cúmplice delas, desde que mantenha a palavra como território de consciência.

Essa posição de mediação ética antecipa o papel que Edward Said (1994) atribuiria ao intelectual moderno: o de quem fala a verdade ao poder, sem abdicar do diálogo, e atua nos entrelugares das culturas, como tradutor e intérprete. Ao afirmar que “a cultura é o idioma da liberdade”, Verissimo sintetiza o sentido dessa vocação: a cultura como linguagem comum da

humanidade, e a liberdade como prática de escuta. Seu humanismo, longe de ser ingênuo, é resistente, porque reconhece o conflito e o inclui como elemento constitutivo da convivência.

A ideologia, em sua trajetória, não funciona como máscara, mas como método de leitura do real. Verissimo opera precisamente nesse ponto: reorganiza o consenso de dentro, deslocando a gramática do poder para o campo da moral (Eagleton, 1997). Ele reapropria as palavras da diplomacia, liberdade, fraternidade, cooperação, e lhes devolve conteúdo ético, transformando a retórica em crítica. Seu discurso é simultaneamente conciliatório e subversivo: concilia na forma, subverte no sentido.

Ao agir nesse limiar, Verissimo encarna o intelectual mediador que “traduz a linguagem da dominação em linguagem da consciência” (Fauri, 2007, p. 112). A diplomacia, em suas mãos, torna-se literatura civil: o exercício de dizer o que é necessário sob as condições do possível. Essa mediação não é ambiguidade oportunista, mas gesto político, a recusa de ceder ao cinismo e ao silêncio. Em meio à Guerra Fria e às censuras implícitas da OEA, Verissimo faz da prudência um instrumento de resistência simbólica. Falar, nesse contexto, é uma forma de coragem moral.

O percurso de Verissimo na União Pan-Americana (1953–1956) revela, assim, a capacidade do intelectual de agir dentro do poder sem sucumbir a ele. Os seus discursos, pronunciados em universidades, congressos e encontros oficiais, reconfiguram as fronteiras entre diplomacia e literatura. Ao transformar a linguagem burocrática em linguagem de reflexão, ele redefine a cultura como força política, capaz de intervir nos imaginários e de reordenar o sentido do comum. Cada fala contém o movimento duplo de reproduzir e questionar a linguagem institucional, o mesmo mecanismo que Bakhtin chamou de *dupla voz ideológica*. Essa duplicidade é o que confere à palavra de Verissimo seu poder transformador: ao mesmo tempo que participa do discurso dominante, ela o contamina com o dissenso ético.

O humanismo verissimiano, nesse sentido, é mais que um ideal filosófico: é uma ética da palavra. Ele parte da convicção de que a verdade não é absoluta nem estável, mas possível e histórica. Em meio à ambiguidade do poder, falar com honestidade já é um ato de resistência. Por isso, quando Verissimo insiste que “a cultura é o idioma da liberdade”, propõe não uma utopia distante, mas uma prática cotidiana de escuta, diálogo e empatia. Sua diplomacia cultural é menos uma política de Estados do que uma pedagogia do encontro humano.

Mais de meio século depois, a sua lição permanece inquietantemente atual. Num tempo em que o diálogo interamericano volta a enfrentar o desafio das assimetrias, políticas, econômicas e simbólicas, os discursos de Verissimo nos recordam que a cultura pode ser ponte

e não fronteira. A palavra, mesmo institucional, pode ser revolucionária quando se vincula à empatia e à justiça.

A força de Verissimo não reside na ruptura, mas na persistência do gesto ético: fazer da linguagem um espaço de reconciliação entre consciência e ação. Sua utopia discursiva, a crença de que o diálogo pode substituir a dominação, continua sendo horizonte de esperança para as Américas. Entre literatura e diplomacia, entre prudência e coragem, a sua obra e os seus discursos reafirmam uma verdade simples e radical: quando usada com lucidez, a palavra ainda pode mudar o mundo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARNHISEL, Greg. *Cold War Modernists: Art, Literature, and American Cultural Diplomacy*. New York: Columbia University Press, 2015.
- BHABHA, Homi K. “Culture’s in Between”. In: BENNETT, David (ed.). *Multicultural States: Rethinking Difference and Identity*. London: Routledge, 1998. p. 29-36.
- BORDINI, Maria da Glória; FAURI, Ana Letícia (orgs.). *Erico Verissimo na União Pan-Americana: Discursos 1953–1956*. Rio de Janeiro: Makunaima Edições, 2020.
- CLAUDEL, Paul. *L’esprit et le monde*. Paris: Gallimard, 1949.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- FAURI, Ana Letícia. “A expressão da ideologia”. In: Fauri., AL. *O Pensamento político de Erico Verissimo: questões de identidade e ideologia*. 2007. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2007. p. 52-89.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. São Paulo: Loyola, 2000.

SAID, Edward. *Representations of the Intellectual*. New York: Vintage, 1994.

VERISSIMO, Erico. *Freedom in Latin America*. Washington, D.C.: Pan-American Union, 1955.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 18. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERISSIMO, Erico. *O senhor embaixador*. 10. ed. São Paulo: Globo, 1998.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Discursos de Erico Verissimo citados

VERISSIMO, Erico. *Pan-Americanism: It Works*. Washington, D.C.: Pan-American Union, 1954. Discurso proferido na sede da União Pan-Americana, por ocasião da abertura do ciclo de conferências sobre cultura e integração hemisférica.

VERISSIMO, Erico. *South America and the American South*. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University, 1955. Conferência pronunciada durante visita oficial à Universidade de Vanderbilt, abordando paralelos históricos e culturais entre o Sul dos Estados Unidos e a América do Sul.

VERISSIMO, Erico. *Freedom in Latin America*. Washington, D.C.: Pan-American Union, 1955. Conferência apresentada no ciclo “Freedom and Democracy in the Americas”, promovido pelo Departamento de Assuntos Culturais da UPA.

VERISSIMO, Erico. *Address at the Tenth Inter-American Conference of Ministers of Foreign Affairs*. Caracas, Venezuela, 1954. Intervenção na X Conferência Interamericana de Ministros das Relações Exteriores, na qual comentou os debates sobre soberania e integração continental.

VERISSIMO, Erico. *Speech at the Tenth Pan-American Child Congress*. Panamá: Pan-American Union, 1955. Pronunciamento sobre educação e direitos da infância nas Américas.

VERISSIMO, Erico. *Remarks at the Meeting of the Cultural Council of the Organization of American States*. Lima, Peru, 1956. Discurso sobre alfabetização, cultura e desenvolvimento no contexto pós-guerra.

ISSN: 1984-4921
DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v17.n39.01>